

O uso do conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu na bibliografia brasileira entre 2009 e 2019

Larissa Araujo de Andrade¹

Resumo

O presente artigo propõe discutir os usos do conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu na bibliografia brasileira da última década. Apresento, primeiro, uma discussão a respeito do significado do conceito de capital cultural, para em seguida analisar a bibliografia. Os resultados encontrados apontam a predominância da leitura do capital cultural como classificador, enquanto seu uso como instrumento de violência corresponde a uma minoria presente em diversos temas, e seu uso como elemento distintivo é igualmente minoritário, mas restrito aos estudos de elites.

Palavras-chave: Capital cultural; Bibliografia; Abordagem.

1 Introdução

O presente artigo propõe discutir os usos do conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu na bibliografia brasileira da última década (2009-2019), relacionada direta ou indiretamente com a obra do autor. Este é um dos conceitos mais originais de Bourdieu e permitiu que ele determinasse elementos da formação e hierarquização de grupos na sociedade francesa da década de 1960, período em que a pesquisa que deu origem à célebre *A Distinção* foi realizada. *A Distinção* é uma das principais obras de Pierre Bourdieu, publicada originalmente em 1979. O livro revelou o papel central do gosto na organização da sociedade francesa em classes, fornecendo uma análise a partir da cultura e serviu de inspiração para pesquisas realizadas em diversos outros países, como a pesquisa nos Estados Unidos que deu origem ao livro *Money, Morals and Manners: The Culture of the French and American Upper-Middle Class* de Michèle Lamont em 1992, e a pesquisa na Inglaterra que deu origem ao livro *Culture, Class, Distinction* dos autores Tony Bennett, Mike Savage, Elizabeth Silva, Alan Warde, Modesto Gayo-Cal e David Wright em 2009.

No Brasil não foi diferente. Apesar da tardia tradução de *A Distinção* para o português em 2007, a obra de Bourdieu chegou cedo ao Brasil intermediada por autores

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

como Sergio Miceli e Renato Ortiz (ROCHA *et al.*, 2022). Desde então, a produção, direta ou indiretamente ligada a Bourdieu, vem tomando grande proporção no país. Este texto é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica (Proc. 2021/02117-9)² que se propôs a investigar tal produção e está associada ao Projeto Temático *Para além da distinção: gosto, práticas culturais e classe em São Paulo* (Proc. 2018/20074-2)³, ambos financiados pela FAPESP.

Durante a realização da pesquisa, foi feito um levantamento de produções bibliográficas recentes no Brasil. Este levantamento revelou uma problemática em torno do conceito de capital cultural, dando origem à questão que o presente artigo tenta responder: sendo o capital cultural um conceito importante na obra de Bourdieu, não só pelo seu papel na formação de grupos, mas principalmente por sua atuação na perpetuação e invisibilização da dominação simbólica nas sociedades hierarquizadas, como ele está sendo trabalhado pela bibliografia levantada, produzida entre 2009 e 2019?

Para responder a essa questão, o artigo foi organizado da seguinte maneira: primeiro será feita uma discussão sobre o conceito de capital cultural na obra de Bourdieu e em alguns debates posteriores. Em seguida, será apresentada a bibliografia analisada e explorada a maneira como ela utiliza esse conceito. Por fim, os resultados encontrados apontam a predominância da leitura do capital cultural como classificador, enquanto seu uso como instrumento de violência corresponde a uma minoria presente em diversos temas. Seu uso como elemento distintivo é igualmente minoritário, mas restrito aos estudos sobre as elites.

2 Capital Cultural na Obra de Bourdieu e Debates Posteriores

Segundo Bennett e Silva (2011, p. 429), o capital cultural é o conceito mais original de Pierre Bourdieu. Na França, a partir da segunda metade do século XX, o autor usou este conceito – junto com outros – para interpretar a realidade social, tratando de temas diversos como fracasso e sucesso escolar, estratificação social e campo.

O termo foi criado originalmente nos estudos sobre educação, resultados de uma parceria entre Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2014; 1970), em que os autores investigaram a probabilidade de fracasso escolar entre jovens de classes dominadas. Através de pesquisas empíricas, Bourdieu desenvolveu a teoria de que estudantes oriundos de classes dominantes teriam mais sucesso escolar por receberem uma herança cultural de suas famílias abastadas, que servia de vantagem no sistema escolar. Essa herança é o que o autor chamou posteriormente de capital cultural (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2001, p. 485). Por ser um

² Processo nº 2021/02117-9, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

³ Processo nº 2018/20074-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

tipo de capital, ele é entendido como um patrimônio, que pode ser possuído, acumulado, herdado e convertido; sua formação está de acordo com a interpretação abrangente de Bourdieu sobre cultura e diz respeito a um conjunto de estruturas mentais, domínio da língua culta, cultura geral, posturas corporais, disposições estéticas e bens culturais (CATANI et. al., 2017. p. 135).

Em *Os Três Estados do Capital Cultural*, Bourdieu (2007. p. 74) mostra que o capital cultural pode ser encontrado em três modalidades: 1) O estado incorporado, sob forma de estruturas mentais, posturas corporais, habilidades linguísticas etc.; 2) O estado objetivado, sob forma de livros, obras de arte, visitas a exposições e bibliotecas; 3) O estado institucionalizado, diplomas e certificados escolares.

Quando incorporado, esse capital é transmitido através do *habitus*,

sistemas de disposições duradouras, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como tal, ou seja, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada serem o produto da obediência a regras [...] (BOURDIEU, 2002. p. 163).

Ao mesmo tempo que é constitutivo, o *habitus* é constituído por um tipo particular de meio ambiente, pelas condições materiais de existência étnicas ou de classe, por exemplo. No caso do capital cultural, ele é transmitido pelo *habitus* de classe (advindos das condições materiais de existência das diferentes classes sociais). Essas disposições culturais são consideradas “culturas” de determinada classes, as quais são atribuídos valores desiguais através do arbitrário cultural, termo utilizado para descrever a eleição da cultura da classe dominante como cultura universal, legítima, neutra e superior (BOURDIEU; PASSERON, 1970. p. 38). Essa percepção é reproduzida pela autoridade escolar, que passa a cobrar como conhecimento escolar a cultura legítima da classe dominante. Neste processo, o capital cultural assume a aparência da cultura legítima.

Assim, se o capital cultural é a cultura legítima, a cultura da classe dominante firmada pela autoridade escolar, o capital cultural pode ser adquirido de duas formas: 1) cotidianamente, através da incorporação de um *habitus* de classe dominante no seio da família, esse método de aquisição de capital cultural está reservado às crianças nascidas em classes culturalmente dominantes. 2) De forma tardia a partir da escola, com a aquisição árdua de um novo conjunto de disposições culturais; este método estaria ao alcance de crianças nascidas em qualquer classe social (BOURDIEU, 1983. p. 9).

Dessa forma, segundo Bourdieu e Passeron (2014. p. 37), a vantagem conseguida pelas crianças de classe dominante é uma vantagem de tempo de contato com a cultura

cobrada pela instituição escolar, elas têm contato com a cultura legítima desde o nascimento, enquanto crianças de classes dominadas só vão entrar em contato com a cultura legítima tardiamente, quando ingressam no sistema escolar. Mas não só isso, essa vantagem também se abriga na supervalorização das disposições das crianças de classes dominantes como um talento natural para a escola, enquanto as crianças oriundas de classes dominadas seriam consideradas inadequadas para a escola, e acabariam sendo desencorajadas a completar o percurso escolar, ou permanecendo na classe culturalmente dominada mesmo dentro dele (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2001).

O que acontece no caso da educação escolar se repete em outras situações do cotidiano social, pois o capital cultural é um capital global, valorizado e reconhecido por toda a sociedade, além de sua posse oferecer vantagens no mercado de trabalho e na obtenção de outros tipos de capitais (econômico e social, por exemplo) (BOURDIEU, 2011; BOURDIEU, 2021). Dessa forma, agentes que possuem alto capital cultural possuem grandes vantagens nas lutas por novos e mais capitais, esses agentes o herdam de suas famílias já privilegiadas. Aparece, assim, uma desigualdade original que passa despercebida. O sucesso dos sujeitos oriundos de classes dominantes é reconhecido como um talento ou um dom natural, sem que as condições vantajosas de recursos em que estes sujeitos estão disputando seja percebida, tal invisibilização é a violência simbólica. Enquanto o capital cultural se passa por um dom natural, ele é usado pelas classes dominantes para estigmatizar as classes dominadas, mesmo que esse desfecho não seja consciente (BOURDIEU, 1992).

Em suma, capital cultural é um determinado tipo de capital vigente no mundo social, diz respeito a um conjunto de disposições e bens culturais, homólogos ao conjunto de disposições e bens culturais da classe dominante. Este capital oferece vantagem na trajetória escolar, mas também em diversos outros espaços da vida cotidiana. Por ser homólogo à cultura das classes dominantes, esta vantagem também está reservada a elas, ela é alcançada pelo mascaramento de um capital arbitrário como capital universal. É nesse mascaramento que está a violência simbólica, capaz de gerar uma permanência na configuração das posições de classe na sociedade, projetando uma autoimagem negativa das classes dominadas.

Apesar do seu importante papel como instrumento de dominação no mundo social, o capital cultural desempenha outro papel na sociedade, como classificador. Na medida em que as classes são determinadas pelo volume comum de diferentes tipos de capital, cada agrupamento de classe apresentaria uma determinada quantidade de capital cultural e um determinado estilo de vida, gerado por sua cultura de classe (BOURDIEU, 2011; BOURDIEU 1983). N’*A Distinção* (2011), Bourdieu finaliza um longo estudo sobre a reprodução de classe na França a partir da cultura. Ele defende a homologia entre o espaço

social e o espaço dos estilos de vida, revelando que determinadas práticas e gostos seriam “característicos” de determinados agrupamentos de classe, não só pela afinidade por determinadas práticas em comum, mas também pela aversão às práticas de um grupo alheio.

Pensando no capital cultural, Bourdieu (1983; 2011) determinou a seguinte composição para cada classe francesa: a) classes dominantes são determinadas pela posse de altos níveis de capital cultural, tendo gostos e práticas alinhados a eles, o chamado senso da distinção; b) as classes médias são caracterizadas pela posse precária de capital cultural, geralmente representado na forma institucional, tendo gostos e práticas voltados à valorização e aquisição de mais capital cultural, o que o autor chamou de boa vontade cultural; por último c) as classes dominadas são caracterizadas pela baixa ou inexistente posse de capital cultural, tendo gostos e práticas desalinhados com a cultura dominante, e portanto, não podendo adquirir nenhuma vantagem deles, segundo o autor, elas seriam caracterizadas pela escolha do necessário, não atribuindo a seus consumos ou práticas nenhuma disposição estética, apenas utilitária.

O livro dedica-se principalmente às classes dominantes, às quais Bourdieu (2011) atribui o senso de distinção. Este corresponde ao estabelecimento de uma diferenciação e de uma distância hierarquizada entre as classes dominantes e as outras classes, mas também entre as frações das próprias classes dominantes. Tal distanciamento é alcançado dentro das práticas mundanas através de apropriações estéticas muito sutis; ele seria uma recompensa buscada pelas classes dominantes, pelo bom aproveitamento de seus capitais. Tais intenções não são explícitas, e muito menos conscientes.

Meio século depois da publicação de *A Distinção*, vale atualizar a discussão, o que foi feito por muitos pesquisadores em muitos países, e até mesmo por Bourdieu nas décadas de 1980 e 1990. O retrato desse esforço teórico será feito com o apoio do artigo *Distinção e capital cultural hoje*, escrito por Edison Bertoncelo, Michel Nicolau Netto e Fábio Ribeiro (2022). Os autores partem das proposições de Bourdieu n’*A Distinção* e percorrem diversas formulações dadas ao conceito de capital cultural ao longo das décadas, colocando em questão a interferência desses debates no entendimento e na captação das práticas distintivas atualmente.

Primeiro, os autores situam *A Distinção* na obra de Bourdieu como um todo, mostrando como é resultado do esforço de uma equipe de pesquisadores com muito financiamento que, durante mais de uma década, debruçou-se sobre o tema da cultura buscando entender como ele se relaciona com a divisão de classe na França. Mesmo depois da publicação do livro, esse esforço não se dissipou, e conceitos como capital cultural e distinção foram mobilizados nos trabalhos mais recentes de Bourdieu. Dessa manutenção, os autores

apontam a consolidação do conceito de capital cultural como um conceito teórico, e não mais apenas metodológico.

As primeiras atualizações do debate partem daí. O texto apresenta a teoria do onivorismo cultural, proposta por Richard Peterson (1992) na década de 1990. Para os autores, tal teoria apontaria que:

[...] a velha distinção entre alta e baixa cultura estaria sendo substituída por outra, entre onívoros e unívoros. Os primeiros, além de se apropriarem da “alta cultura”, também consumiriam “cultura popular”. Os unívoros teriam um repertório de gostos e práticas restrito à “baixa cultura”. (BERTONCELO *et al.*, 2022, p. 10).

Depois de apresentar uma cadeia de autores que debateram a ideia de onivorismo cultural, o texto defende que essa proposição não traz uma inovação em relação ao que Bourdieu tinha colocado n’*A Distinção*, e muito menos configura a superação da teoria do autor francês.

O segundo debate apresentado no texto foi possibilitado pelas discussões relativas ao onivorismo, e refere-se à crescente obsolescência da alta cultura como elemento distintivo, percebida por diversos pesquisadores, na medida em que ela vem sendo consumida cada vez menos, até mesmo entre as classes dominantes. São apresentados os autores DiMaggio e Mukhtar (2004), que apontam “que o declínio da ‘alta cultura’ tem mais a ver com o aumento da competição por outras formas de uso do tempo livre e de modos de consumo da cultura do que propriamente com a perda de eficácia distintiva da ‘alta cultura’” (BERTONCELO *et al.*, 2022, p. 14). Bertoncelo, Netto e Ribeiro mobilizam também autores que percebem que o capital cultural não se resume à alta cultura; ele é flexível, resultado das qualidades simbólicas específicas de uma região. Dessa forma, a diminuição do consumo de alta cultura não incide necessariamente na leitura do capital cultural como um elemento menos distintivo.

O terceiro debate trazido pelos autores diz respeito ao gosto e à prática, recorrendo ao autor Vegard Jarness (2015), para pontuar que os mesmos tipos de consumo, feitos de formas diferentes, podem resultar em recompensas distintivas variadas. Essa estilização dos consumos é resultado dos diferentes habitus e capitais acumulados.

O último debate apontado seria o mais recente e parte de uma das discussões construídas em debates anteriores, de capital cultural flexível. Ser flexível determina que o capital cultural deve ser entendido dentro de um contexto regional e temporal, o que abre espaço para a proposição de que existem formas emergentes de capital cultural, teoria proposta pelos autores Mike Savage e Annick Prieur (2013). As novas formas do capital cultural apresentadas no artigo são: 1) o capital cosmopolita, obtido pelas elites com

experiências multiterritoriais e proposto pelos autores Mike Savage e Annick Prieur (2013); 2) o capital estético, adquirido a partir da beleza física de corpos, principalmente, femininos e proposto por diversos autores, tais como Anderson, Grunert, Katz e Lovascio (2010).

O texto segue com um debate sobre a captação da distinção atualmente, levando em consideração a constante reformulação do conceito de capital cultural. Contudo, o que fica para a presente discussão é que o conceito de capital cultural permanece em voga, sendo debatido e disputado. Atenhamo-nos a ele. Debruçada sobre as produções brasileiras dos últimos anos, a próxima parte deste artigo dedica-se a entender a maneira como o capital cultural é tratado nessas produções, reconhecendo que o conceito foi usado de diferentes formas tanto por Bourdieu quanto por outros autores.

3 A bibliografia brasileira levantada

A coletânea de produções analisadas a seguir é resultado de um levantamento bibliográfico realizado entre os meses de abril e novembro de 2021, com o objetivo de abranger as produções brasileiras relacionadas direta ou indiretamente com a obra de Bourdieu. É importante salientar que o capital cultural não era o foco deste levantamento, mas sim um panorama amplo da teoria do autor francês.

Antes da realização do levantamento bibliográfico, foram lidos e fichados dez textos de autoras consideradas importantes para a compreensão da produção nacional sobre temas como classe, estilo de vida, gosto e capital cultural. São elas: Carolina Pulici, Camila Rosatti e Maria Eduarda da Mota Rocha. Para o recolhimento desses primeiros textos, realizou-se uma busca por artigos no Lattes das duas primeiras autoras, com o objetivo de selecionar artigos que apresentassem resultados empíricos. Foram lidos sete textos de Pulici e um texto de Rosatti. Já para captar as contribuições de Maria Eduarda da Mota Rocha, optou-se pela leitura das teses de duas de suas orientandas, Ana Rodrigues Cavalcanti Alves (2018) e Louise Claudino Maciel (2018).

A partir dessa primeira leitura, foi possível determinar palavras-chave: capital cultural, distinção e consumo. Elas foram inseridas na plataforma de buscas do Portal de Periódicos CAPES⁴, resultando em quatro buscas combinadas da seguinte maneira: 1) capital cultural, distinção e consumo; 2) capital cultural e distinção; 3) capital cultural e consumo; 4) distinção e consumo. Cada busca foi filtrada para artigos em português, produzidos nos últimos dez anos (2011-2021), sobre sociologia. Outros temas foram selecionados conforme se aproximavam dos temas buscados na pesquisa, tais como: Bourdieu, elite, cultura, *habitus*, cidade, classe média e consumo.

⁴ <https://www.periodicos-capes.gov.br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php>

Essas buscas resultaram em 100 textos, dos quais foram escolhidos para serem fichados e analisados 36, cujos resumos apontavam para a presença de debates teóricos e resultados empíricos. Apesar do recorte da língua, o levantamento forneceu estudos de diversos países além do Brasil, como Portugal, França, China e Chile. Os temas abordados nos textos foram ainda mais diversos: capital, mobilidade, estratégias escolares, bom gosto, estilo de vida, gastronomia, moda, decoração, cosmopolitismo, turismo, gentrificação, campo, arte e outros.

Até este momento, a revisão bibliográfica consistiu na leitura e fichamento de 46 textos, somando os dez textos encontrados no Lattes das autoras citadas acima e os 36 textos selecionados da plataforma da CAPES, sendo 42 artigos, 2 teses, 1 resenha crítica e 1 transcrição de entrevista. Todos os 46 textos foram escritos entre 2009 e 2019. Em termos metodológicos, a entrevista aprofundada é o método de levantamento de dados predominante nas pesquisas apresentadas pelos textos. Essas pesquisas debruçaram-se, majoritariamente, sobre as classes dominantes de cidades brasileiras, sendo São Paulo a cidade que mais apareceu.

Nessa fase da pesquisa, o objetivo ainda era analisar as produções bourdieusianas de forma geral, mas ao final da análise dos dados, o capital cultural emergiu como objeto de interesse de investigação mais forte. A partir dessa nova intenção, foi realizado um segundo levantamento, mais voltado para o capital cultural. O levantamento correspondeu à leitura e análise de seis textos, sendo uma tese, dois livros e três artigos. Todos são dedicados a análise de contextos de cidades brasileiras, com a maioria voltada para as classes dominadas: três tratavam de classes populares, dois tratavam de classes médias e um tratava de classes dominantes (elites).

Fazendo os recortes necessários de textos que não puderam entrar na presente análise devido ao seu formato, a base trabalhada a seguir corresponde a 47 textos, sendo três teses e 44 artigos (veja a lista em anexo). Os dados são apresentados na forma de tabelas e gráficos, já que a análise se propõe a ser quantitativa e qualitativa, apesar do baixo número de textos analisados. As categorias analíticas que serão apresentadas foram montadas e atribuídas a partir da leitura e interpretação de cada um dos textos; sendo que as categorias foram criadas como exclusivas entre si, de forma que cada texto pode corresponder a apenas uma categoria ou qualidade. Veja a seguir.

4 Os usos do conceito de capital cultural na bibliografia brasileira levantada

Para entender, em primeiro lugar, quantos textos da bibliografia tratavam do capital cultural, foi feita uma leitura buscando diferentes representações do conceito. As representações encontradas vão desde vantagens escolares, gosto e apropriações estéticas até uma compreensão ampla do capital cultural como capital global ou uma abordagem específica do capital cultural como capital vigente em algum campo. Além dessas diferentes interpretações do capital cultural, foram consideradas todas as escalas de abordagem do conceito, desde as apropriações mais profundas até as utilizações mais tangenciais do termo.

A partir dessa análise, foi possível perceber que, de um total de 47 textos, 27 trabalham com o conceito de capital cultural. Comparado com os textos da base que não abordam o conceito, a maioria não corresponde a uma grande maioria. Disso podemos concluir apenas que, mesmo o conceito de capital cultural aparecendo na maior parte da bibliografia levantada, a teoria de Bourdieu pode ser trazida sem que o termo seja mobilizado.

A partir de agora, a análise se restringirá apenas aos textos que trabalham o conceito de capital cultural, buscando entender a maneira como ele é usado. A saber, que tipo de abordagem os autores dos textos levantados estão dando ao conceito do capital cultural?

Para observar as possibilidades de abordagem do termo, foram construídas três categorias analíticas. Elas foram construídas depois de uma primeira leitura da base completa e são resultados de uma primeira análise, mas também contribuíram para a análise final. São elas: a) violência; b) pertencimento; c) distinção. Cada categoria foi feita de modo a abrigar abordagens mais ou menos próximas para que pudessem funcionar como categorias guarda-chuva. Mesmo assim, as variações abrigadas por elas são sutis. Vejamos a partir de textos exemplares de cada categoria de abordagem.

Na categoria de abordagem violência, temos a leitura do capital cultural como instrumento de estigmatização das classes dominadas pelas classes dominantes. Ou seja, é apresentada uma relação entre classes, podendo ela acontecer no ambiente escolar, ou não. O resultado dessa relação é a desvalorização das classes dominadas pela falta de um capital cultural característico da elite. O texto exemplar dessa categoria é intitulado *Migração de classe e vergonha cultural: trajetórias ascendentes entre a crítica e o reconhecimento das hierarquias simbólicas*, de Carolina Pulici (2016). Nele, a autora dedica-se a analisar a violência simbólica específica vivida por migrantes de classe, que, tendo vindo de uma classe dominada para uma classe dominante, passam a apresentar uma vergonha cultural reconhecendo a desvalorização simbólica de sua cultura frente ao capital cultural da elite. Ela aponta:

No âmbito de uma pesquisa que assumiu inevitavelmente áres de um exame cultural, as perguntas que visavam investigar as preferências e as competências

estéticas geraram relatos reveladores de que aqueles que ingressaram tardiamente nas classes superiores vivenciam seus valores e comportamentos culturais passados como inferiores, ou seja, subscrevem, em alguma medida, os mecanismos classificatórios aristocráticos que tendem a enaltecer as atitudes daqueles precocemente socializados em universos distintivos. Como veremos a seguir, a docilidade em relação às hierarquias culturais, presente no testemunho de uns, coexiste com a “revolta submissa” de outros, cujo rancor travestido de rejeição eletiva não deixa de dar crédito aos valores culturais tradicionais. (PULICI, 2016. p. 155).

Já na categoria de abordagem pertencimento, estão alocados os textos que identificam determinado tipo ou quantidade de capital cultural como características de uma classe específica. Se tornando, assim, um marcador de pertencimento a determinado agrupamento de classe; não exatamente por escolha do autor ou autora, mas pela própria organização da realidade social. O texto exemplar dessa categoria é o artigo *Gosto musical e pertencimento social: O caso do samba e do choro no Rio de Janeiro e em São Paulo*, escrito por Dmitri Cerboncini Fernandes e Carolina Pulici (2016). O artigo faz uma análise dos consumidores de samba e de chocho nas capitais paulista e carioca, buscando identificar a permanência entre a homologia que existe entre as classes sociais e o consumo de samba e choro. Os autores percebem que justamente os subestilos mais valorizados dessa música são mais consumidos por classes dominantes, na mesma medida em que os subestilos menos valorizados são consumidos por classes dominadas. Veja nos seguintes trechos:

Como se vê, os subgêneros desqualificados pelas autoridades simbólicas mais reconhecidas no universo musical tendem a recrutar o público que ocupa as posições menos elevadas no espaço social. Assim, o “pagode comercial”, de forma geral, atrai o público mais jovem e, também, o de menor quantidade e qualidade de capitais e que, em tese, seria mais exposto ao consumo de blockbusters musicais difundidos pelas rádios, programas de televisão e estratégias comerciais que compreendem o ciclo de rápido retorno do investimento realizado. (FERNANDES; PULICI, 2016. p. 145).

Em contrapartida, e dando a ver mais uma vez a homologia entre a oferta musical e a hierarquia social do público, é na região mais elevada do espaço social que se recrutam prioritariamente os consumidores do “choro” e do “samba tradicional”. Com efeito, diplomas superiores conquistados em instituições de renome, empregos passíveis de assegurar deferência social, residência em bairros nobres e centrais das duas capitais e a decorrente afeição pelo “bom gosto” em detrimento do “gosto da maioria” distinguem o grupo de amantes do tradicionalmente “belo” na música popular. (FERNANDES; PULICI, 2016. p. 146).

Por último, a categoria de abordagem distinção se expressa pela leitura do capital cultural na chave do distanciamento da elite em relação às outras classes e entre as frações da elite em si. Esse distanciamento é a diferenciação hierarquizada feita a partir de práticas e estilizações muito sutis. Tal como o texto exemplar desenvolve: *A alimentação solene e*

parcimoniosa: práticas gastronômicas como fonte de distinção das elites brasileiras, também de Carolina Pulici (2014). O artigo trata das práticas de distinção ligadas à gastronomia entre frações das elites brasileiras, observando a maneira como as elites se distanciam a partir de uma apropriação muito específica do consumo de alimentos. O artigo conclui:

Se os discursos que figuram nos manuais de etiqueta e nas críticas de gastronomia podem não dizer muita coisa sobre a realidade objetiva das práticas, eles evidenciam, todavia, certas normas de excelência social, e também as relações não-negligenciáveis entre prestígio e consumo alimentar. Como critérios de saber-viver investidos de legitimidade, esses preceitos não podem ser desvinculados do conjunto do estilo de vida no qual eles se realizam mais plenamente. Eles devem, pois, ser considerados no âmbito das lutas simbólicas que opõem os diferentes grupos envolvidos na representação do mundo social e, mais especificamente aqui, na imposição de princípios admissíveis de relação com a alimentação. (PULICI, 2014. p. 7).

Com as categorias construídas apresentadas, segue uma tabela com as proporções em que cada uma delas aparece na base de textos analisados:

Quadro 1. Distribuição de categorias de abordagem do conceito de capital cultural na base analisada (2009-2019)

Como o conceito de capital cultural é abordado nos textos da bibliografia levantada?		
Categoria de abordagem	Número	Porcentagem
Violência	8	29,60%
Pertencimento	11	40,70%
Distinção	8	29,60%
Total	27	100%

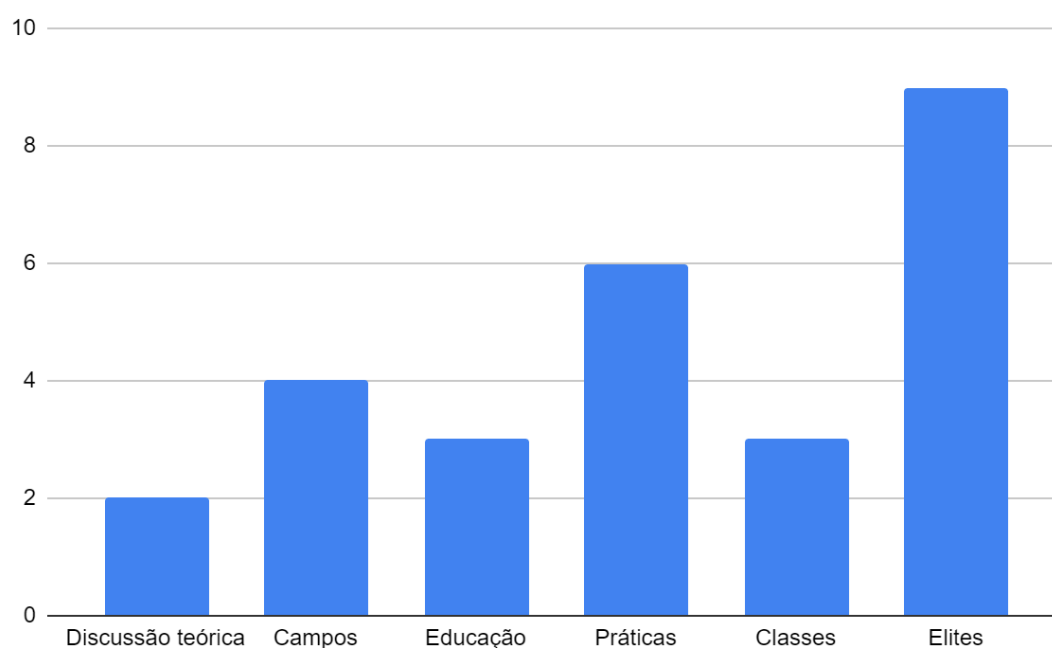
Fonte: Autoria (2021)

Observando o quadro, é possível perceber a predominância da abordagem do capital cultural na chave do pertencimento de classe, entendendo também que a categoria de distinção diz respeito a um tipo específico de pertencimento de classe, bem como a um tipo específico de violência. Ademais, a maneira como as categorias foram criadas não permite afirmar que o capital cultural analisado na chave da violência ou da distinção corresponde a uma grande minoria na bibliografia analisada.

Além da interpretação geral de como o conceito de capital cultural é abordado, foram construídas novas categorias analíticas para entender como ele é trabalhado, dependendo do tema tratado no texto. Os diversos temas trabalhados pelos textos foram divididos em seis categorias analíticas exclusivamente temáticas. Essa separação também foi feita em um momento posterior à primeira leitura, mas anterior à análise apresentada neste artigo. Essas categorias são: a) discussão teórica, correspondendo a textos que realizam algum tipo de discussão teórica sobre conceito ou método, como o artigo *Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites*, da autora Elisa Klüger (2017); b) campo, correspondendo a textos que têm como objeto campos específicos do mundo social, por exemplo o texto *Elites acadêmicas: as ciências sociais na academia brasileira de ciências*, de Ana Paula Rey e Lidiane Soares Rodrigues (2017); c) educação, correspondendo a textos que tratam de trajetórias escolares, assim como o trabalho *Da periferia a universidade: sucesso escolar e qualidade de vida de jovens de classe popular*, das autoras Patrícia de Mello e Nathiely Darcy Ribeiro Araújo (2019); d) práticas, correspondendo a textos que têm como objeto práticas específicas, por exemplo o artigo *O consumo de orgânicos na perspectiva sociológica: analisando um mercado especializado em Florianópolis- SC*, de Bruno Barreiros e Marcia Mazon (2017); e) classe, correspondendo a textos que tratam das características de uma classe, estabelecendo as fronteiras entre as classes e frações de classe; como no texto *Brasília classificada: novos espaços da classe média na capital federal*, dos autores Cristina de Moura e Vinicius Januzzi (2019); e por último f) elites, correspondendo a textos que tematizam especificamente as classes dominantes, por exemplo o artigo *Pensar com Labire e Bourdieu: disposições sociais e gostos de elite no Recife*, de Louise Claudino Maciel (2019).

A proporção de textos em cada categoria analítica de tema pode ser observada no gráfico a seguir:

Figura 1. Distribuição de categorias temáticas dos textos da base analisada (2009-2019)



Fonte: Autoria (2021)

Ignorando a maneira desigual na qual cada categoria de tema aparece, vale entender a como elas se relacionam com as possibilidades de abordagem do conceito de capital cultural. Isso porque Bourdieu tratou de diferentes temas nas suas obras (classe, cultura, política, arte etc.), e até hoje os autores usam seus conceitos para investigar inúmeros assuntos. No caso do capital cultural, sua multiplicidade de abordagens pode enriquecer a análise sociológica, mas existe a possibilidade desses diferentes temas tenderem a perspectiva do pesquisador a respeito do conceito. Por exemplo, a compreensão do capital cultural como instrumento de violência simbólica surge na sociologia da educação, e só entra na sociologia das classes posteriormente, assim, talvez seu papel na dominação esteja menos acessível a partir de uma análise de classe. O quadro a seguir contém a distribuição de cada categoria de abordagem do capital cultural dentro das categorias de tema construídas, e ajuda a compreender como essas tendências estão organizadas na amostra.

Quadro 2. Distribuição das categorias de abordagem do capital cultural entre as categorias temáticas na base analisada (2009-2019)

Tema	Categorias de abordagem	Total

	Violência (n°)	Violência (%)	Pertencimento (n°)	Pertencimento (%)	Distinção (n°)	Distinção (%)	
Discussão							
Teórica	1	50%	1	50%	0	0%	2
Campos	2	50%	2	50%	0	0%	4
Educação	3	100%	0	0%	0	0%	3
Práticas	1	16%	5	84%	0	0%	6
Classe	0	0%	3	100%	0	0%	3
Elites	1	11%	0	0%	8	98%	9

Fonte: Autoria (2021)

Conforme o quadro, a maneira como o conceito de capital cultural é abordado na bibliografia levantada é utilizada de forma desigual entre as categorias de tema. A categoria de abordagem “distinção” está completamente concentrada nos textos cuja categoria de tema é “elites”. A única outra categoria de abordagem presente em “elites” é a “violência”, correspondendo a um texto. Assim, afirma-se que em textos cujo objeto de pesquisa são as classes dominantes, o capital cultural será lido predominantemente na chave da caracterização específica da elite e no estabelecimento de fronteiras e hierarquias pelas práticas distintivas.

Olhando para a categoria de tema “classe”, a única categoria de abordagem a aparecer é “pertencimento”. Desse modo, é possível dizer que para textos que têm a classe como objeto de pesquisa, o capital cultural será lido na chave de seu papel classificador do mundo social.

Quando olhamos para a categoria de tema “prática”, a categoria de abordagem predominante é “pertencimento”, correspondendo a cinco textos de seis; o texto faltante está alocado na categoria de abordagem “violência”. Isso leva a dizer que para textos cujo objeto de pesquisa são práticas sociais, o capital cultural aparecerá predominantemente como elemento classificador.

A baixa proporção da abordagem “violência” nas três primeiras categorias temas é compreensível, mas perder de vista a violência simbólica, quando observamos elites, classes e

práticas sociais, pode ser muito perigoso, pois isso mina as possibilidades de análise da dominação e da reprodução das hierarquias sociais.

Por outro lado, quando olhamos à categoria de tema “educação”, a única categoria de abordagem que aparece é “violência”, levando à dedução de que quando o texto tiver como tema trajetórias escolares, o capital cultural será lido na chave de seu papel de dominação social. Nesse caso, os estudos enfrentam o perigo do determinismo e do fatalismo.

Por último, nas categorias de tema “campo” e “discussão teórica” duas categorias de abordagem estão distribuídas igualmente, sendo elas “pertencimento” e “violência”. Como os campos e as discussões teóricas podem variar imensamente, esse resultado deve ser entendido apenas como um viés da bibliografia trabalhada.

Ainda, vale ressaltar a presença da categoria de abordagem “violência” em cinco de seis categorias de tema, não estando presente apenas na categoria de tema “classe”. Isso pode apontar que a abordagem de capital cultural como instrumento de dominação parece mais abrangente na bibliografia do que as outras categorias de abordagem, sendo que a categoria de abordagem “pertencimento” está presente em quatro categorias de temas e “distinção”, em apenas uma.

5 Considerações finais

Antes de responder à pergunta proposta no início do texto, é necessário fazer algumas ponderações sobre a metodologia e a base de textos usada para construir a resposta que segue. Como a pergunta diz respeito à maneira como as produções científicas estão tratando um conceito, a resposta só poderia ser alcançada através da análise minuciosa dessas produções, da leitura dos textos. Vale lembrar que os textos vieram antes da pergunta e não o contrário; foi examinando uma bibliografia geral bourdieusiana que o interesse no conceito de capital cultural surgiu e a investigação a respeito dos usos do termo teve início. Por último, apesar de ter tanto um caráter qualitativo como quantitativo, a pesquisa trabalhou com uma base de dados pequena e foi justamente a quantidade reduzida de textos que permitiu que a análise qualitativa fosse realizada.

Contudo, tendo partido do pressuposto de que capital cultural é um conceito importante na obra de Bourdieu, presente na bibliografia brasileira levantada, o artigo se propôs a investigar a maneira como ele estava sendo abordado na produção nacional. Mais do que isso, a descrição a respeito do conceito de capital cultural revelou um leque amplo de possibilidades para sua abordagem e utilização. Por ser um conceito também teórico, ele esteve presente na obra de Bourdieu posterior à *A Distinção* e, também, na obra de diversos autores

que renovaram o debate a seu respeito. A constante retomada do conceito na atualidade multiplica suas possibilidades de uso, no entanto, analiticamente foi importante agrupar os textos da base em três categorias. Entendendo suas possibilidades de uso a partir da violência simbólica, do pertencimento característico de uma classe ou da produção sutil de práticas distintivas e hierarquizantes.

A partir da análise da base produzida, foi possível chegar a algumas respostas. Primeiro, o conceito capital cultural se mostrou muito presente na bibliografia levantada; ele pode não ter aparecido em todos os textos, mas foi utilizado na maioria e desempenhou papel importante nas análises apresentadas por eles.

Quanto ao seu uso, a abordagem do capital cultural como elemento classificador é predominante. Isso pode ser resultado de uma predisposição dos autores em abordar o conceito na chave do pertencimento, ou até das restrições de recursos que possibilitam pesquisas focadas apenas nas classes, práticas ou campos específicos, sem alcançar as relações e disputas produzidas para além destas fronteiras. Fato é que seria necessária a realização de investigações mais profundas para entender essa tendência.

Por outro lado, os usos do conceito de capital cultural como instrumento de dominação social e violência simbólica (violência) e como mecanismo sutil de distinção e hierarquização de grupos (distinção), apesar de ocuparem igualmente a posição de minoria na bibliografia em questão, apontam conclusões bastante diferentes quanto aos seus usos. Primeiro, o capital cultural lido como instrumento de violência, apesar de menos presente nos textos, é persistente. Esta abordagem apareceu em quase todos os temas, revelando que o capital cultural pode ser entendido como instrumento de dominação em produções de linha bourdieusiana debruçadas sobre vários temas. O fato de essa abordagem ser pouco utilizada necessita também de novas investigações para ser entendido.

Segundo, o capital cultural lido como elemento distintivo também aparece pouco, mas concentrado exclusivamente na categoria de tema “elites”. Mais uma vez, novas perguntas se formam: a distinção só pode ser percebida em pesquisas dedicadas às elites ou ela está apenas mais evidente nelas? Talvez essa categoria de abordagem do conceito de capital cultural não seja tão interessante para pesquisas dedicadas a outros temas que não a elite.

Ainda existem outros elementos que não foram contemplados nesta pesquisa, mas podem revelar dados sobre a adoção de uma determinada abordagem do conceito de capital cultural. Investigações que levam em consideração a introdução da obra de Bourdieu no Brasil, as regiões, universidades e núcleos de pesquisa em que se estabeleceu e se desenvolveu cada especificidade de sua ampla teoria, por exemplo. Ou então, investigações a respeito das

posições sociais dos autores e de suas identidades raciais e de gênero, que podem predispor suas interpretações do conceito de capital cultural, isso porque podem ter influência nas escolhas de temas de pesquisa e no acesso às diferentes instituições onde se desenvolvem diferentes correntes da tradição bourdieusiana no Brasil. Essas pistas devem orientar investigações futuras.

A despeito das diversas perguntas que surgiram a partir dos resultados da pesquisa e da aparente necessidade de expandir a base de análise, a conclusão que pode ser oferecida, por enquanto, é que o uso do conceito de capital cultural é predominante na abordagem de pertencimento, é igualmente minoria nas abordagens de violência e de distinção, mas a primeira está difundida entre os diferentes temas tratados nos textos da bibliografia e a última, restrita aos textos dedicados à elite.

Referências

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. “*Com o suor do trabalho*”: uma análise do ethos dos batalhadores manifesto no âmbito do consumo. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

ANDERSON, Tammy L.; GRUNERT, Catherine; KATZ, Arielle & LOVASCIO, Samantha. Aesthetic capital: A research review on beauty perks and penalties. *Sociology Compass*, v. 4, 2010. p. 564-575.

ANDRADE, Larissa Araujo de; NETTO, Michel Nicolau, 2023, “*Variações internacionais e nacionais d'A Distinção*”, Repositório de Dados de Pesquisa da Unicamp, V1.

BARREIROS, Bruno C.; MAZON, Marcia da Silva. O consumo de orgânicos na perspectiva sociológica: analisando um mercado especializado em Florianópolis- SC. *Ambiente & Sociedade*, v. 20, n. 1, p. 147–164, jan. 2017.

BENNETT, Tony; SAVAGE, Mike; SILVA, Elizabeth; WARDE, Alan; GAYO-CAL, Modesto; WEIGHT, David. (2009), *Culture, Class, Distinction*. London, New Your: Routledge.

BENNETT, Tony; SILVA, Elizabeth. Introduction: cultural capital – histories, limits, prospects. *Poetics*, 39, 2011. p. 427-443.

BERTONCELO, Edison; NETTO, Michel Nicolau; RIBEIRO, Fábio. *Distinção e capital cultural hoje*. São Paulo: Tempo social, 2022.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção. Crítica social do julgamento*. 2º ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). *A miséria do mundo*. Trad. M. S. S. Azevedo et al. 4. ed. Petrópolis: Vozes, p. 481-486, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática, precedidos de três estudos da etnologia cabila*. 1º ed. Celta Editora, Oeiras, Portugal, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato. (org.). *Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39).

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1992.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*. 9º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia geral vol. 2 Habitus e campo: curso no Collège de France (1982-1983)*. Editora Vozes, 2021.

CATANI, Afrânio Mendes... [et. al.] (Orgs). *Vocabulário Bourdieu*. 1º ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

DIMAGGIO, Paul; MUKHTAR, Toqir. Arts participation as cultural capital in the United States, 1982-2002: Signs of decline?. *Poetics*, 32, 2004. p. 169-194.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; PULICI, Carolina. Gosto musical e pertencimento social: O caso do samba e do choro no Rio de Janeiro e em São Paulo. *Tempo social*, São Paulo, v. 28, n. 2, pág. 131-160, agosto de 2016.

HEY, Ana Paula; RODRIGUES, Lidiane Soares. Elites Acadêmicas: as Ciências Sociais na Academia Brasileira de Ciências. *Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 9–33, 2017.

JARNESS, Vegard. Modes of consumption: from what to how in cultural stratification research. *Poetics*, 53, 2015. p. 65-79.

KLÜGER, Elisa. Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites. *Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 83–110, 2017.

LAMONT, Michelè. (1992), *Money, morals and manners. The culture of the French and the American upper-middle-class*. Chicago, University of Chicago Press.

MACIEL, Louise Claudino. Pensar com Lahire e Bouedieu: disposições sociais e gostos de elite no Recife. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 1, n. 50, p. 138–154, 2019.

MACIEL, Louise Claudino. *Pode entrar: Manifestações de gosto no âmbito da moradia e da decoração das elites culturais na região metropolitana de Recife*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

MELO, Patrícia Bandeira de; ARAÚJO, Nathiely Darcy Ribeiro de. Da periferia à universidade: sucesso escolar e qualidade de vida de jovens de classe popular. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Cociiais*, [S. l.], v. 1, n. 50, p. 58–82, 2019.

MOURA, Cristina Patriota de; JANUZZI, Vinicius Prado. Brasília classificada: novos espaços de classe média na capital federal. *Tempo Social*, São Paulo, Brasil, v. 31, n. 1, p. 113–134, 2019.

PETERSON, Richard A. Understanding audience segmentation: From elite and mass to omnivore and univore. *Poetics*, 21 (4), 1992. p. 243-258.

PRIEUR, Annick & SAVAGE, Mike. Emerging forms of cultural capital. *European Societies*, 15 (2), 2013. p. 246-267.

PULICI, Carolina. A alimentação solene e parcimoniosa: práticas gastronômicas como fonte de distinção das elites brasileiras. *Revista ECO-Pós*, [S. l.], v. 17, n. 3, 2014.

PULICI, Carolina. Migração de classe e vergonha cultural: trajetórias ascendentes entre a crítica e o reconhecimento das hierarquias simbólicas. *Pró-posições*, São Paulo, v. 27, n. 3, pág. 153-178, setembro a dezembro de 2016.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota... [et. al.] (Orgs). *Bourdieu à brasileira*. 1º ed. Recife: Aliança Francesa Editora, 2022.

Anexo

BASE DE TEXTOS ANALISADA (levantada em 2021 e 2022)			
TÍTULO	AUTORES	ANO	ACESSO EM

Uma nova abordagem empírica para a hierarquia de status no Brasil	André Salata	2016	https://doi.org/10.17666/319203/2016
Sociologia disposicionalista e classes sociais: reflexões sobre desigualdade	Ricardo Visser	2019	https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/43511
Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites	Elisa Klüger	2017	https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.125961
Tentando "chegar lá": As experiências de jovens em um cursinho popular	Eduardo Bonaldi	2018	https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.119387
A pesquisa sobre trajetórias escolares no Brasil	Luciana Massi, Darbi Suficier, Luci Muzzet	2017	https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10364
Da periferia a universidade: sucesso escolar e qualidade de vida de jovens de classe popular	Patrícia de Mello e Nathiely Darcy Ribeiro Araújo	2019	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/43600
O ensino público no olhar das elites escolares: representações sociais dos agentes educativos de dois colégios privados	Maria Luísa Quaresma	2015	https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1278
A casa sertaneja e o programa bolsa família: questões para pesquisa	Flávia Pires	2009	https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6808
Prédios neoclássicos e os espaço residencial das elites de são paulo	Carolina Pulici	2015	https://doi.org/10.1590/S0103-40142015008500016
Trabalho cultura e produção cultural: notas sobre a sociologia do trabalho com arte e cultura no Brasil	André Grillo	2017	https://doi.org/10.4013/csu.2017.53.3.03
Têxto, contexto e construção da referência: programas televisivos brasileiros em foco	Anna Bentes, Beatriz Ferreira-Silva e Ana Cecília Accetturi	2017	https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648474
Fazer do velho uma novidade: as reinvenções dos best-sellers juvenis	Andréa Borges Leão	2016	https://doi.org/10.1590/S0103-49792016000300004
Elites acadêmicas: as ciências sociais na academia brasileira de ciências	Ana Paula Rey e Lidiane Soares Rodrigues	2017	https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.125964
Cultura conteúdo e cercamento do ser humano: a herança intangível da UNESCO no novo milênio	John F. Collins	2018	https://doi.org/10.1590/S0103-49792018000100002
Capital cultural, conhecimento e dominação social: as pistas e os problemas levantados pela dominação financeira contemporânea	Roberto Grün	2016	https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000200006
A questão da carreira dominante de Oscar Niemeyer	José Carlos Durand e Elena Salvatori	2013	https://doi.org/10.1590/S0103-20702013000200009

A definição privada do bem público: a atuação de institutos empresariais na esfera da cultura	Miqueli Michetti	2016	https://doi.org/10.1590/S0103-49792016000300007
Estudos de elites políticas e as bases de multinotabilidades no Brasil	Eliana Tavares dos Reis e Igor Gastal Grill	2017	https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.125888
Elite empresarial e elite econômica: o estudo dos empresários	Paulo Roberto Neves Costa	2014	https://doi.org/10.1590/1678-987314225204
Da gastronomia francesa a gastronomia global: hibridismos e identidades inventadas	Maria Lúcia Bueno	2016	https://doi.org/10.1590/S0103-49792016000300003
Carreira, arte feminista e mecenato: uma abordagem a econômica do circuito artístico principal sob uma perspectiva de gênero	Rui Pedro Fonseca	2013	https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1329
Gosto musical e pertencimento social: o caso do samba e do choro no Rio de Janeiro e em São Paulo	Carolina Pulici e Dimitri Fernandes	2016	https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.109800
Considerações sobre as práticas de consumo das classes populares a partir de uma sociologia disposicionalista	Ana Rodrigues Cavalcante Ales	2019	https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/43666
Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica	Celi Scalon e André Salata	2012	https://doi.org/10.1590/S0102-69922012000200009
The elusive new middle class in Brazil	Celia Kerstenetzky, Christiane Uchôa e Nelson Silva	2015	https://doi.org/10.1590/1981-38212015000300018
Com o suor do trabalho: uma análise do ethos dos batalhadores manifesto no âmbito do consumo	Ana Rodrigues Cavalcante Ales	2018	https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29728
Geração bolsa família: escolarização, trabalho infantil e consumo na cada sertaneja (Catingueira/PB)	Flávia Pires e George Jardim	2014	https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200007
Brasília classificada: novos espaços da classe média na capital federal	Cristina de Moura e Vinicius Januzzi	2019	https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.151261
Valorização de bairros antigos e ressignificação de alteridade: o exemplo de wazemmes em Lille	TRADUÇÃO: Sylvanie Rivasseau	2013	https://doi.org/10.1590/2238-38752013V358
A classe média chinesa e seus padrões de consumo	Shu Di	2012	https://doi.org/10.1590/2238-38752012v239
Quem é a classe média no Brasil? Um estudo sobre identidades de classe	André Salata	2015	https://doi.org/10.1590/00115258201540
O gosto dominante como gosto tradicional: preferências e aversões estéticas	Carolina Pulici	2011	https://doi.org/10.1590/S0101-33002011000300007

das classes altas em São Paulo			
Os atentados ao "bom gosto": regras da "arte de viver legítima" na capital paulista	Carolina Pulici	2009	https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i81p148-160
Migração de classe e vergonha cultural: trajetórias ascendentes entre a crítica e o reconhecimento das hierarquias simbólicas	Carolina Pulici	2016	https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0083
Habitar, narrar e construir: a casa moderna no relato biográfico de seus moradores	Camila Rosati	2018	https://doi.org/10.5902/2236672537526
Exclusividade ou primazia das práticas mais raras: os deslocamentos multiterritoriais na socialização das classes superiores paulistas	Carolina Pulici	2014	https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2014.97215
A alimentação solene e parcimoniosa: práticas gastronômicas como fonte de distinção das elites brasileiras	Carolina Pulici	2014	https://doi.org/10.29146/eco-pos.v17i3.1767
Pode entrar: manifestações do gosto no âmbito da moradia e da decoração das elites culturais na região metropolitana de Recife	Louise Claudino Maciel	2018	https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32425
Pensar com Lahire e Bourdieu: disposições sociais e gostos de elite no Recife	Louise Claudino Maciel	2019	https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2019v1n50.44015
"Brazilian people" in the eyes of elites: repertoires and symbolic boundaries of inequality	Graziela Silva e Matias López	2015	https://doi.org/10.1590/2238-38752015v517
O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: estudo sociológico da distinção social em São Paulo	Carolina Pulici	2010	https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-10122010-102833/pt-br.php
O consumo de orgânicos na perspectiva sociológica: analisando um mercado especializado em Florianópolis- SC	Bruno Barreiros e Marcia Mazon	2017	https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC20150077R2V2012017
Uma cidade entre sonhos de néon. Encontros, transações e fruições com as culturas musicais urbanas contemporâneas	Paula Guerra	2018	https://doi.org/10.1590/2238-38752016v822
Sobre a justiça no comércio e as escolhas morais no consumo: o caso dos consumidores de comércio justo	Sandra Lima Coelho	2015	https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1917
Mobilidade, cidade e turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa	Jordi Nofre, Maria Jorge e Luís Baptista	2018	https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/4957
Decodificar as paredes da cidades: da crítica à gentrificação ao direito da habitação no Porto	Inês Barbosa e João Teixeira Lopes	2019	https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/6798
O programa bolsa família e o consumo de meninos e meninas no semi-árido	Flávia Pires	2010	http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources

nordestino		/anais/1277035388_ARQUIV O_fazendogenero10textocom pletoOPROGRAMABOLSA FAMILIAEOCONSUMOD ASMENINASEDOSMENIN OSNOSEMI.pdf
------------	--	--

Como citar

ANDRADE, Larissa Araujo de. O uso do conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu na bibliografia brasileira entre 2009 e 2019. *Primeiros Estudos – Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 11, 2024;

DOI: 10.11606/issn.2237-2423.v11i1pe00112005

The use of Pierre Bourdieu's concept of cultural capital in the Brazilian bibliography between 2009 and 2019

Abstract

This article proposes to discuss the uses of Pierre Bourdieu's concept of cultural capital in the Brazilian bibliography of the last decade. I present, first, a discussion about the meaning of the concept of cultural capital, and then analyze the bibliography. Finally, the results found point to the predominance of reading cultural capital as a classifier, while its use as an instrument of violence corresponds to a minority present in several themes, and its use as a distinctive element is equally minority, but restricted to elite studies.

Keywords: Cultural capital; Bibliography; Approach.

El uso del concepto de capital cultural de Pierre Bourdieu en la bibliografía brasileña entre 2009 y 2019

Resumen

Este artículo se propone discutir los usos del concepto de capital cultural de Pierre Bourdieu en la bibliografía brasileña de la última década. Presentó, primero, una discusión sobre el significado del concepto de capital cultural, para luego analizar la bibliografía. Finalmente, los resultados encontrados apuntan al predominio de la lectura del capital cultural como clasificador, mientras que su uso como instrumento de violencia corresponde a una minoría presente en varias temáticas, y su uso como elemento distintivo es igualmente minoritario, pero restringido a estudios de élite.

Palabras clave: Capital cultural; Bibliografía; Acercarse.